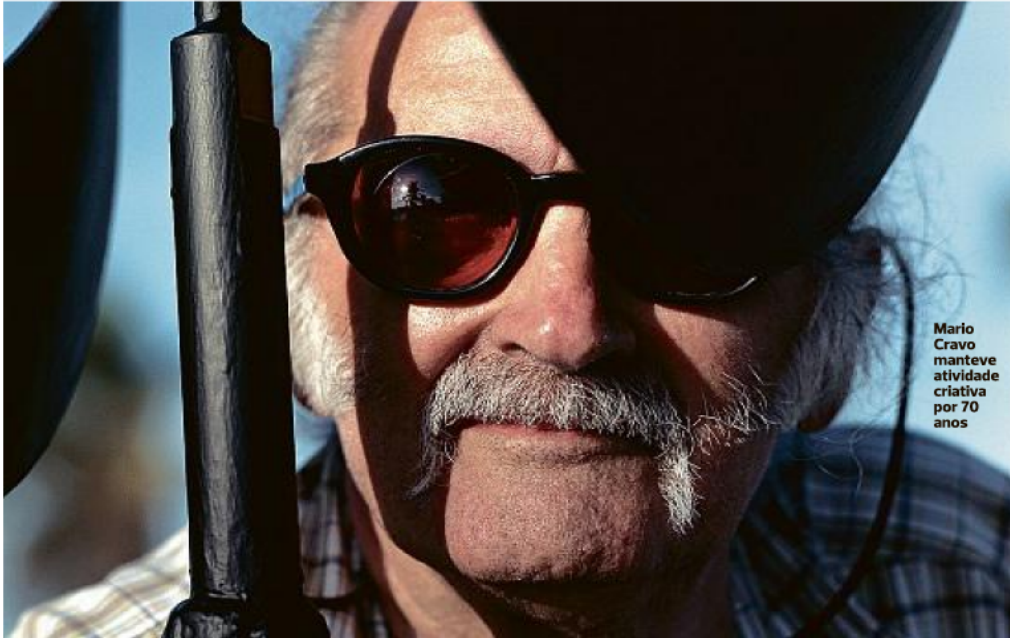


Mais*

DE PILOTO FRUSTRADO A ARTISTA GENIAL: HISTÓRIAS DE QUEM CONVIVEU DE PERTO COM MARIO CRAVO

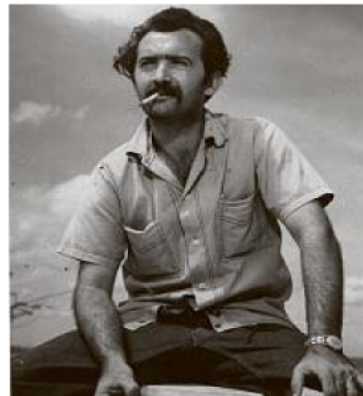


Mario Cravo manteve atividade criativa por 70 anos

ARQUIVO CORREIO

Sempre à frente

Monumental Mario Cravo Júnior contrariou a arte de seu tempo para criar tendências e trazer o novo



MARIO CRAVO NETO / DIVULGAÇÃO



Alexandre Lyrio

REPORTAGEM
alexandre.lyrio@rede-
bahia.com.br

A Bahia quase perdeu a genialidade artística de Mario Cravo Júnior uns 40 anos antes de sua morte, quarta-feira. O culpado seria ele mesmo e sua paixão pelo automobilismo. Ainda bem, contentou-se em realizar nos filhos o que ele gostaria de ter sido. "Ele viu em mim o que ele queria ser na época: piloto de carros", contou Ivan Ferraz Cravo, hoje o filho mais velho do artista.

Naquela época, década de 1970, as corridas aconteciam na Avenida Centenário. Tempos em que Lulu Geladeira, André Buriti, Maurício Castro Lima e os Cravos aceleravam fundo. "Mas ele não pilotava.

Só ia ver as corridas e patrocinava a gente", lembrou Ivan. Em uma oficina na Avenida Garibaldi eram construídas as máquinas de fibra de vidro e ferragens. Nos domingos de corrida, nem sempre os Cravos chegavam à frente.

É que ali, na mesma oficina, também eram feitas as obras de arte. A essa altura, os automóveis eram só um hobby para Mario Cravo. Já a arte... era trabalho. Muito trabalho. Assim, relatam todos que conviveram com seus processos criativos, ele sempre esteve à frente do seu tempo.

Quando todos reverenciavam suas esculturas em madeira, inventou de usar o ferro. Quando reverenciavam o ferro, ele introduziu a resina. "Ninguém se interessava por resina, mas Mario apostava que era o futuro. Depois que aquilo foi digerido pelo público, virou tendência", lem-

brou Sérgio Rabinovitz, um de seus pupilos. "Mario Cravo foi o primeiro cara a me mostrar um computador. Estava sempre à frente".

Fernando Sodake, filho adotivo de Mario Cravo, acredita que a multiplicidade e ineditismo da obra do pai estava no fato de ele não fazê-la por encomenda. "Meu pai não fazia a arte dele para os outros, fazia para ele. Talvez aí esteja a grande força de sua obra. Não tinha preocupação comercial com sua arte. Foi um artista na essência".

PRIVILEGIADOS

Do seu tempo, no que fazia, não havia igual. E todos reconheciam isso, inclusive os outros artistas. É o que lembra Rabinovitz, que antes de Mario conheceu a arte de Calazans Neto. "Entre pela primeira vez no ateliê de Mario Cravo levado pelo meu pai. Ele fazia xilogra-

vura. Calazans já tinha me ensinado tudo o que podia. Chegou uma hora que ele me disse: 'Rapaz, eu já te ensinei tudo o que podia. Agora só Mario Cravo. Procure ele'", contou Rabinovitz, ao mesmo tempo sorrindo e emocionado.

O filho Ivan diz que houve um momento em que seu pai esteve no auge. "Um dos períodos mais importantes da trajetória do meu pai foi no período de ACM, o velho ACM. Foi quando ele fez essas obras gigantes. Não posso negar que, nessa época, ele foi reconhecido". Graças a algumas dessas obras, é impossível andar por Salvador sem enxergar os monumentos construídos por ele.

Da Cruz Caída, no Belvedere da Sé, à Fonte do Mercado ou Monumento à Cidade do Salvador, na Praça Cayru, o filho diz que, só de obras doadas à cidade e ao estado, estão

catalogadas mais de 800.

Mario Cravo não só mexia com metal como tinha uma saúde de ferro. De estatura alta, parecia inabalável. Mas a morte do filho, o fotógrafo Mario Cravo Neto, fez ele curvar-se por um bom tempo. "Foi a primeira vez que vi ele abatido. Ele perdeu o braço direito. Viviam juntos", lembrou o motorista Antônio Fernando Gomes, funcionário de Mario Cravo por mais de 30 anos.

No momento de seu velório, eis que surgem brincadeiras e revelações. Ivan Cravo brincou com a fama de sedutor do pai. "Era muito mulherengo". Alguém também lembrou que, além de escultor, gravador, pintor e desenhista, Mario Cravo também foi poeta. E até isso estava no sangue. Sua mãe era prima de Castro Alves.

Junto com Carybé, Pierre Verger e Jorge Amado, formou uma trupe que "criou" o conceito de baianidade. Frequentavam espaços do povo, como o Barracão do Mestre Waldemar, local em que capoeiristas valentões da época vadiavam aos domingos. "A verdade é que esses caras fizeram a Bahia ser conhecida no mundo todo. Não é à toa que uma fundação na Alemanha chamou ele para morar lá dois anos".

LEGADO

Privilegiado em dobro, Ramiro Bernabo, filho de Carybé, conheceu Mario Cravo nos anos 50. "Ele previu todo esse movimento artístico globalizado que existe hoje. O que ele fazia aqui nos anos 50 era absurdo, comparável a artistas europeus. Rolava um estranhamento. Certa vez ele foi vaiado em uma exposição que usou ferro", disse Ramiro, também artista plástico.

O preço por estar à frente do seu tempo foi alto, mas valeu a pena. Sempre vale. Artista mais novo, Bel Borba também bebe em sua fonte. "Ele não é só modernista. A obra dele é contemporânea". Artistas de rua menos conhecidos também fizeram questão de dizer o quanto suas obras estão entranhadas da arte de Mario Cravo. "Não foram poucas vezes que dei no Parque de Pituçu e viajei naquelas obras", disse André Fernandes, se aproximando do caixão para reverenciar o mestre.

A obra pode até se perder, mas o legado permanece. Ainda mais em uma família de artistas. Na família Cravo, quem não lida com a arte de mexer com carros produz outras obras. O talento dos Cravos, presente nos filhos, chegou aos netos Christian, que é fotógrafo, Lucas, pintor, e Akira, escultor e fotógrafo. "A maior inspiração é a intuição dele. Ele dizia que a arte não é aprendido. É sentir", disse Akira, filho de Mario Cravo Neto.

Polícia Foragido da Justiça do Rio, Anderson da Costa usou identidade falsa em Salvador e formou-se em Direito PÁGS. 16 E 17

Avena Candidatos a presidente e a governador precisam apresentar suas propostas para restaurar a paz PÁG. 20

Amigos e familiares dão adeus a Mario Cravo

Além dos amigos e familiares, o enterro de Mario Cravo no Cemitério Jardim da Saudade, ontem, foi marcado pela presença de muitos artistas plásticos baianos. Alguns, como Jamisson Pedra, tiveram o privilégio de ter um convívio mais próximo com Mario.

“Ele foi para mim um orientador, um amigo, sempre disponível. Era um conselheiro, afinal ele era 15 anos mais velho que eu”, lembra Jamisson, que ouviu, principalmente na juventude, muitos palpites de Mario sobre sua produção artística, ainda nos tempos em que o artista tinha ateliê no Rio Vermelho. Jamisson tem 80 anos e Mario morreu aos 95.

Leonel Mattos disse que encontrou Mario algumas vezes e o assunto recorrente das conversas era a arte. Leonel observou a reação das pessoas



Corpo de Mario Cravo Júnior foi cremado, ontem à tarde, no cemitério Jardim da Saudade

quando foi instalada uma das obras mais marcantes de Mario em Salvador, a Fonte da Rampa do Mercado. “Tinha gente que dizia que a obra parecia duas bundas. Com certeza, ele apenas sorria para isso, porque sabia da distância do povo em relação à arte”, observa Leonel.

“Mario Cravo foi o maior nome do Modernismo na

Bahia e daquela geração, junto com Carlos Bastos. Foi um espelho para as gerações seguintes”, disse o crítico de arte Reynivaldo Brito. “Mais que artista, ele foi um pensador, crítico e irreverente. E ele sempre preferiu levar sua arte para espaços públicos, enquanto alguns se conformam com museus”, acrescentou Reynivaldo.

Filho de Mario Cravo, Ivan Cravo fez um resumo sobre os melhores momentos com o pai. “A lembrança que tenho é de ver ele produzindo feliz, sempre sorrindo e de bom humor. Essa é uma perda pra mim enquanto filho, como homem e como admirador de suas obras”, disse.

ROBERTO MIDLEJ



“Estamos conversando com o governo do estado e estudando projetos de restauração para preservar as obras de meu pai. Esse é um ano difícil, por conta das eleições, mas tenho fé de que isso vai acontecer

Ivan Cravo

Sobre a preservação das obras do pai

1 Centro A Fonte da Rampa do Mercado está com a pintura desgastada e a piscina, sem água, serve de abrigo para moradores de rua

2 Pituacu No Parque das Esculturas, das 20 peças inspeccionadas, todas tinham falhas na pintura, dez estão enferrujadas e cinco quebradas



MAURO AKIN NASSOR



Descaso com obras espalhadas pela cidade

Há alguns anos, quem entra no Parque das Esculturas ou Espaço Mario Cravo Júnior, em Pituacu, era recebido por um conjunto de esculturas coloridas e provocativas. A ação do tempo fez a tinta ceder lugar à ferrugem e algumas peças, que antes exibiam força e altura, foram reduzidas a um conjunto de ferros retorcidos.

Em alguns trechos, o descaso é tamanho que a vegetação trepou nas peças e já é difícil identificar quem é quem. No total, o Espaço Mario Cravo Júnior tem 53 mil m² e reúne cerca de 3 mil peças.

O CORREIO inspecionou 20 peças no local. Todas apresentavam falhas na pintura, dez estavam corroídas de ferrugem e cinco tinham partes quebradas. A situação mais grave é de uma obra que desabou e virou um amontoado de ferros retorcidos e oxidados.

Como algumas peças têm altura, foram isoladas com fitas para que o público não se aproxime e evite acidentes, mas a fita também está desgastada pelo tempo e já cedeu em alguns trechos.

Em junho, um homem identificado como Thiago Nascimento ganhou direito a

uma indenização depois que teve o braço esmagado por uma das esculturas, em 2009. O Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA) condenou o estado da Bahia a pagar R\$ 50 mil para a vítima.

CENTRO

Outras obras de Mario Cravo Júnior são a Cruz Caída, na Praça da Sé, e a Fonte da Rampa do Mercado, no Comércio, em frente ao Elevador Lacerda. Peças localizadas em regiões turísticas da cidade, mas que nem assim foram poupadas.

A Cruz Caída, foi alvo de pichações. Em geral, frases de amor ou comentários adolescentes sem sentido. A Fonte da Rampa do Mercado não está pichada, mas a tinta amarela está desgastada. A piscina está sem água e servindo de abrigo para moradores de rua.

“Estamos conversando com o governo do estado e estudando projetos de restauração para preservar as obras de meu pai. Esse é um ano difícil, por conta das eleições, mas tenho fé de que isso vai acontecer. Meu pai era o único modernista baiano da primeira geração ainda vivo, era um grande artista, que deixou sua mar-

ca na Bahia e no mundo”, contou Ivan Cravo, filho de Mario Cravo.

Em 2016, a Secretaria de Cultura da Bahia (Secult) se comprometeu a catalogar, preservar e manter no Parque das Esculturas, em Pituacu, o acervo do artista, além de reformar o espaço. O então secretário, Jorge Portugal, ainda garantiu que o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipaac) daria apoio jurídico à Fundação Mario Cravo para a criação de um inventário. Desde então, apenas o inventário foi feito e com isso, parte das obras foi transferida para a reserva técnica do Palacete das Artes, onde são preservadas.

Procurada, a Secretaria de Cultura da Bahia (Secult), responsável pelas obras do Espaço Mario Cravo Júnior, não comentou sobre a restauração das obras do artista até o fechamento desta edição. Já a Fundação Gregório de Mattos (FGM), responsável pela Cruz Caída e pela Fonte da Rampa do Mercado, informou que não há previsão de quando elas serão restauradas novamente. Segundo a FGM, a cidade tem 170 símbolos e 60 deles foram recuperados a partir de 2013.

GIL SANTOS